

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA CARLA MOREIRA FERNANDES

**ESPAÇO, TEMPO E MÉMORA: A CIDADE DE PIAU NAS NARRATIVAS DE
CRIANÇAS**

JUIZ DE FORA
2025

ANA CARLA MOREIRA FERNANDES

**ESPAÇO, TEMPO E MÉMORA: A CIDADE DE PIAU NAS NARRATIVAS DE
CRIANÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte
das exigências para obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, no âmbito da Universidade Federal de Juiz de
Fora, sob orientação da Profa. Dra. Yara Cristina Alvim.

**JUIZ DE FORA
2025**

Juiz de Fora, dezembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Yara Cristina Alvim
Universidade Federal de Juiz de Fora
Orientadora

Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes
Universidade Federal de Juiz de Fora
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, por ter iluminado meus caminhos até aqui, me dado forças e me abençoado com as pessoas que encontrei durante a vida.

Agradeço aos meus pais, que sempre me incentivaram a alcançar meus sonhos. A minha mãe, Marlúcia de Paiva Fernandes Moreira, por ter sido meu grande exemplo da profissão e ter me permitido me apaixonar pela docência desde a minha infância. Ao meu pai, Cleber Moreira de Araújo, por sempre ter sido meu maior exemplo de resiliência e por todas as ligações diárias, que lembravam de casa e aqueciam o peito durante a graduação. Aos meus avós que sempre me deram voz e forças. Aos meus tios que foram meus exemplos de estudo e dedicação. Aos meus primos que me acompanharam durante toda a vida e aos que chegaram por agora e incentivaram essa pesquisa. Aos meus padrinhos que sempre me acompanharam e incentivaram.

Agradeço aos meus amigos, que me deram forças e incentivo, compreendendo meus momentos difíceis e me ajudando a supera-los. Especialmente, a minha amiga/irmã, Sophia Carvalho, que me acompanhou toda a graduação tornando esse processo mais leve e me ensinou que “a vida é uma maravilha”, principalmente quando estamos acompanhadas das pessoas certas. A minha amiga de apartamento e de vida, Leticia Greggio, que conheceu todas as minhas versões e foi capaz de amar todas, e principalmente aguentou meus momentos difíceis em relação a graduação. As minhas amigas feitas na graduação, que entre as nossas “reuniões no DA”, fizeram minhas tardes mais felizes e leves.

Agradeço as crianças que participaram da pesquisa e me permitiram conhecer um pouco do mundo delas. Obrigada por terem me reapresentando a minha tão amada Piau e por terem confiado em mim para escuta-las.

Agradeço a minha orientadora, Yara Alvim, por ter me acompanhado durante todo o processo de escrita do TCC, por sempre ter as palavras certas, que sempre acalmaram meu coração em momentos de grande aflição com a escrita.

Agradeço ao Professor Jader Lopes, por ter aceitado ler essa pesquisa e por ter me apresentado ao mundo da escuta as crianças, reafirmando a importância das crianças para a minha vida, plantando a sementinha que levou a este trabalho.

“(…) E é claro que vovô estava morrendo de vontade de mostrar para mim, e mamãe vivia dizendo que um neto não precisa saber tudo o que o avô faz. Mães e pais não entendem nada – essa é que é a verdade – do que avós e netos querem conversar, fazer juntos e mostrar um para o outro.” (CYTRYNOWICZ, 2017, p. 16)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender como as crianças apreendem o espaço da cidade de Piau, conferindo escuta a elas a partir dos passeios pela cidade. Observamos como os conceitos de Tempo, Espaço e Memória perpassam as narrativas produzidas por elas enquanto produzem os sentidos de cidade. A abordagem teórica e metodológica adotada é a Pesquisa Narrativa, destacando-se as entrevistas com as crianças, que se deram em formatos de “passeios”. A partir da pergunta disparadora, “Vamos dar uma volta?” percorremos os caminhos escolhidos pelas crianças. A pesquisa procura compreender quais os sentidos de cidade são elaborados pelas crianças. Nesse cenário encontramos as experiências, os laços familiares e as relações afetivas ali estabelecidas como base na produção destes sentidos, além da própria autoria da crianças.

Palavras chaves: Pesquisa Narrativa; Crianças; Tempo; Espaço; Memória; Cidade

Sumário:

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Geografias de Piau elaboradas pelas crianças.....	6
1.1. Percursos de Bento.....	7
1.1.1. Sobre cômodo, galinheiro e selva de dinossauro	7
1.1.2. A Casa Antiga:.....	11
1.1.3. O Parquinho:	13
1.2 Percursos de Marina.....	17
1.2.1. A Moita de Bambu	17
1.3. Percurso Savio	19
1.3.1.A Casa do avô:	20
1.3.2.O Rio Piau e a Ponte:	21
1.3.3.O Laticínio:	24
1.4 Encontros entre as narrativas.	26
Capítulo 2 - Leituras de Piau elaboradas pelas Crianças.....	29
Considerações finais.....	38
Referências.....	40

Introdução

Nessa introdução, iniciarei contando sobre os caminhos perpassados pela pesquisa até que os objetivos se construíssem e as reflexões que resultaram.

A inquietação que originou a pesquisa se deu ao conhecer o conceito “História Local¹”, na disciplina Fundamentos Teóricos Metodológicos em História, do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Por ter crescido em Piau, uma cidade de 3000 mil habitantes no interior de Minas Gerais, me rodeei das mais distintas narrativas orais sobre a cidade desde a mais terna infância. Ao escutar meus avós, pais, tios, padrinhos e amigos, conhecia diferentes faces de uma mesma história, a história de uma Piau que foi fundada por José Francisco da Silva, um tio de Tiradentes que havia fugido da coroa portuguesa, e da história de uma Piau que se iniciou em uma capela construída por escravos que haviam fugido de seus “donos” e se estabeleceram naquela região.

Nessas faces que tanto demonstram quem é silenciado e quem é escutado frente à história oficial de um município, me surgiu a inquietação de escutar essas vozes que estavam escondidas nas entrelinhas, porém refletindo sobre a minha infância que, ao escutar essas diferentes narrativas, acabava construindo sua própria versão dos fatos. A partir de uma memória que me foi narrada pelo outro, surgiu outra inquietação: como as crianças construiriam suas narrativas sobre a cidade, levando em consideração suas interações com o espaço, o tempo e a memória?

Nesse cenário em que as duas inquietações se encontravam em meu coração e me deixavam em uma encruzilhada de pesquisa, sem saber qual dos caminhos seguir, encontro-me com uma das crianças que participou da pesquisa, que me abriu os olhos para a riqueza das construções realizadas pela criança. Aquele encontro me fez perceber a complexidade das narrativas produzidas pelas crianças, que se constituem a partir de elementos socialmente construídos e de elementos próprios, de sua autoria.

¹ A história local é uma abordagem da História e do Ensino da História, que opera em diferentes escalas de análises, contribuindo para os processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituíram ao longo do tempo. Segundo Mattos (1987), o conceito de região não se restringe aos limites administrativos, logo o termo local não se refere a uma sede política, mas sim a um espaço em que acontecem redes de relações sociais, que desenvolvem consciência de pertencimento ao universo comum.

Nas idas e vindas da pesquisa, pelas quais me fiz pesquisadora e aprendi o ofício de pesquisar, me encontrei com as narrativas das crianças e elas me reapresentaram outros sentidos de Piau, que se construíam a partir de seus olhares.

Nesse cenário, a pesquisa tem como objetivo compreender como as crianças apreendem o espaço da cidade de Piau, buscando observar e analisar como os conceitos de “tempo”, “espaço” e “memória” perpassam as narrativas produzidas com elas e os sentidos de Piau que dali são elaborados. A partir da escuta dessas narrativas, busco observar como as crianças constroem suas relações com os espaços da cidade, a partir de suas relações e experiências com Piau.

Na busca por alcançar tal compreensão – como as crianças se relacionam com o espaço da cidade e quais sentidos de cidade elaboravam - três crianças foram selecionadas como sujeitos da pesquisa. Trata-se de crianças que estão na faixa etária de 3 e 5 anos de idade e em fase de escolarização, na Educação Infantil.

A primeira criança, que originou a inquietação desta pesquisa, se chama Bento² e tem 3 anos de idade. Os passeios realizados com ele eram mais curtos, pois geralmente partiam de uma demanda da própria criança. Os passeios se iniciaram na casa da avó e se estendiam até o parquinho, que fica em uma praça a aproximadamente 10 minutos de caminhada.

A segunda criança se chama Savio e tem 5 anos de idade. Os passeios com ele se iniciaram em sua casa e se estenderam por mais tempo do que os passeios feitos com Bento, pois Savio geralmente optava por fazer toda a volta de seu bairro. Esse percurso foi realizado duas vezes, com um espaço de aproximadamente dois meses entre cada um.

A terceira criança se chama Marina e tem 4 anos de idade. O passeio com ela aconteceu somente uma vez e se iniciou na casa da avó. Sua duração também se estendeu por mais tempo, durando cerca de 30 minutos.

A Pesquisa Narrativa se mostrou como um dos caminhos teóricos e metodológicos de escuta dessas crianças e as “entrevistas” se deram por meio de passeios. Todas elas se iniciaram com a frase “Vamos dar uma volta?”. A partir daí, as crianças escolhiam qual caminho tomar e eu as acompanhava. Os formatos em que essas aconteceram se adaptaram à particularidade de cada criança.

A Pesquisa Narrativa é uma abordagem teórica e metodológica que visa entender experiências e fenômenos a partir das perspectivas de quem os vive/viveu, buscando a partir da narrativa conferir escuta a quem muitas vezes foi silenciado e compreender como os sujeitos elaboram suas experiências e constroem sentidos e conhecimentos. Segundo Clandinin e

² Os nomes utilizados são fictícios, com o objetivo de preservar a identidade dos participantes.

Connelly (2015), pesquisar sobre uma experiência relatada é experimentá-la simultaneamente em quatro direções, a introspectiva, que se refere às condições internas (sentimentos, emoções, reações estéticas e disposições morais), a extrospectiva, se tratando das condições de existência (o meio ambiente), retrospectiva e prospectiva, se referindo à temporalidade (presente, passado e futuro). Ou seja, no trajeto realizado pelo pesquisador tanto ele quanto o pesquisado se afetam e são afetados nessas quatro direções.

Na busca por compreender como as crianças apreendiam o espaço da cidade, a pesquisa narrativa se apresentou como abordagem capaz de conferir escuta a essas crianças e a partir das experiências que eram vivenciadas e narradas durante os passeios, compreender os sentidos que elas conferiram à cidade de Piau.

No espaço da Pesquisa Narrativa não trabalhamos apenas com nossos participantes e os caminhos traçados por eles, mas também conosco mesmo, sendo a grande potência dessa abordagem, a relação estabelecida entre pesquisador e pesquisado.

A Pesquisa Narrativa demanda que o pesquisador se envolva completamente, se encantando por seus participantes, por seu tema e também por si mesmo, ao dar um passo para trás e se enxergar na pesquisa. Segundo Clandinin e Connelly (2015), “se os pesquisadores não se envolverem completamente com a experiência estudada jamais poderão compreender, verdadeiramente, as vidas em exploração.” (p.120). Nesse sentido, a Pesquisa Narrativa exige que o pesquisador tome consciência do seu lugar e o de seu participante nas experiências, sabendo os momentos de se colocar e os de se afastar para realmente observar e analisar aquela situação.

A Pesquisa Narrativa com as crianças apresenta particularidades, próprias desse público, principalmente porque

Crianças têm universos particulares: falam sozinhas, cantam, imitam, repetem palavras e frases que ouviram; vivem suas vidas enquanto desenham, brincam, tomam banho, comem andam a pé ou estão em um veículo no trânsito; escolhem o que desejam ler, assistir, ouvir ou qual ritmo dançar. Cada uma fala e expressa a sua percepção do mundo ao redor. Cada narrativa é única, poética, essencial e diz quem é e como é cada uma delas. (FRIEDMANN, 2020, p.113).

Logo, no processo de se fazer pesquisa com as crianças é necessário levar em consideração cada uma dessas nuances, buscando observá-las com o olhar das crianças e não com o do adulto, respeitando assim as construções típicas do narrar das crianças e se entregando a compreender aquele universo pela visão que lhe é apresentada.

Além disso, nas infâncias as narrativas não se resumem às palavras. As crianças se utilizam de diversas outras linguagens no processo de narrar, como a linguagem gestual, a musical e a visual. Segundo Friedmann (2020), só se conseguiria captar a criança a partir dos olhares e dos pequenos gestos. Ou seja, observando suas expressões, suas pausas, seus sorrisos e seus silêncios, pois a ausência de palavras não expressa a ausência de sentido.

No processo de pesquisa com as crianças é necessário tomar consciência de que não escutamos apenas com o ouvido e não observamos apenas com os olhos, pois a escuta se dá com todos os sentidos, com a nossa presença e a entrega plena.

Nesse sentido, foi necessário durante todos os passeios um movimento de integração entre todos os sentidos, de buscar realmente ver aquela criança e buscar compreender os diferentes sentidos que ela estava construindo para aquele espaço. Foi preciso observar as pausas que faziam e em que momentos elas aconteciam, buscando compreender o porquê e como elas faziam parte da construção delas sobre a cidade.

A Pesquisa Narrativa se apresentou como uma oportunidade de manter o compromisso ético de se pesquisar com as crianças, que se refere a respeitar os tempos, os espaços e as memórias construídos por elas, sua intimidade, suas emoções, suas escolhas. Nesse processo estarmos sempre abertos a acolher suas potencialidades, aceitando suas preferências, suas pausas e seus silêncios, nas mais diferentes formas de expressão utilizadas por elas.

No processo de escutar as crianças é necessário que se crie um movimento de escuta de si próprio, de sua história e de sua jornada individual e coletiva, pois é impossível conferir escuta ao outro sem escutar a si mesmo. Nesse sentido a pesquisa permitiu não só compreender como as crianças construíam sentidos da cidade de Piau, mas também possibilitou-me reconstruir os meus sentidos e significado, na medida em que o diálogo com as crianças me colocou no movimento de repensar elementos comuns entre as narrativas das crianças e a minha própria narrativa. As cidades de Piau aqui apresentadas, são a cidade de Piau de Savio, a Piau de Marina e a Piau de Bento. Também é a Piau de Ana Carla, a Piau que só existe na comunidade narrativa que foi criada no diálogo com as crianças.

Ainda no encontro desse trajeto com a Pesquisa Narrativa, destacamos a experiência, foco de todo o processo dessa abordagem, pois ela “é fundamental para entrelaçar os fios que unem a vida com a memória e com o tempo” (FRIEDMANN, 2023, p.48). Ou seja, a experiência se mostra como a ponte para unir dois conceitos fundamentais dessa pesquisa, o tempo e a memória. Nesse sentido, o espaço também aparece como pano de fundo dessas memórias e apresenta-se nas relações estabelecidas com o tempo. Logo, a experiência se mostra

imprescindível em uma pesquisa que buscava explorar conceitos como tempo, espaço e memória.

No processo de se construir esses trajetos com as crianças, a pesquisa passa a se “guiar pelo acaso e pela curiosidade, e não por uma estratégia consciente” (GINZBURG, 1992, p.12). Essa sendo uma das grandes potencialidades na pesquisa, pois ao ser guiada pela curiosidade, nesse sentido não só da pesquisadora mas também do pesquisado, é que se torna possível realmente compreender as particularidades daquela criança e daquele contexto.

É importante frisar que não trato aqui de uma pesquisa completamente desamparada teoricamente e que não exige nenhum preparo, mas sim de uma pesquisa em que o desvio se torna a grande experiência e a dispersão se torna um risco calculado, pelo qual vale a pena arriscar.

O propósito de seguir com a abordagem da Pesquisa Narrativa e da escolha dos passeios como metodologia tem a intenção de caminhar junto às crianças, sem perder de vista a mim mesma, a minha participação. Logo, o objetivo da pesquisa é escutar as crianças e nesse processo também compreender como essas narrativas perpassam a própria pesquisadora, sem buscar se fazer apagada no campo de pesquisa.

Em relação aos registros dos percursos realizados, escolhi não trabalhar com transcrições, mas sim com as percepções elaboradas por mim após a realização dos passeios com as crianças. Ao final de cada trajeto, após me despedir da criança, registrei os diálogos e as reações das crianças, trabalhando com os aspectos da narrativa oral, mas também registrando outros aspectos, como as pausas, as interrupções e os silêncios.

Com o objetivo de melhor organizar o texto, a presente pesquisa se divide em dois capítulos. O Capítulo 1, se intitula “Geografias de Piau elaboradas pelas crianças” e busca, a partir de pontos de referências trazidos pelas narrativas das crianças, analisar e perceber os sentidos de Piau construídos por elas, observando como as relações de tempo, espaço e memória são produzidos ao elaboraram sentidos de Piau. No Capítulo 2, nomeado “Leituras de Piau elaboradas pelas crianças”, buscamos explorar e sintetizar as interpretações produzidas pelas crianças sobre a cidade de Piau durante os passeios.

Capítulo 1 - Geografias de Piau elaboradas pelas crianças

Na busca por encontrar não a cidade de Piau que está presente nos mapas, mas a que se faz viva por meio das memórias de cada habitante, me deparei com as narrativas das crianças, que me apresentaram uma nova versão da cidade e lembraram o encanto de escutar quem parece estar sempre vendo o mundo pela primeira vez, estando sempre descobrindo e redescobrando a vida.

As narrativas das crianças perpassam conceitos como: tempo, espaço, lugar e memória de maneiras próprias dessa fase da vida.

Com o objetivo de ser fiel à Piau que me foi apresentada durante a pesquisa, faço a escolha de construir uma cartografia que buscará relacionar os locais vivenciados pelas crianças que me foram reapresentados com as referências bibliográficas lidas concomitante a pesquisa de campo.

Segundo Paula Juliasz (2025), “As representações espaciais (desenhos, mapas, pacotes, gráficos, entre outros) são criações humanas que se articulam com a atenção, a imaginação, os conceitos estabelecidos e a memória. A memória articula-se à imaginação para comunicar informações espaciais em um desenho ou um mapa, resultado da atividade criadora.” (p.22.). A partir dessa visão, opto por me utilizar dos trajetos para apresentar os caminhos percorridos durante a pesquisa, acompanhada pelas crianças. A partir dos pontos que foram demarcados pelas próprias crianças narradoras, percebemos a construção da cidade Piau de cada uma delas. As cartografias foram construídas em separado buscando respeitar a particularidade da construção de cada criança.

As crianças convidadas a construírem esse trajeto pertencem a faixa etária entre 3 e 5 anos, sendo que as duas mais velhas já frequentam a instituição escolar da cidade em que a pesquisa ocorreu. Além do fator etário, a escolha destas crianças, levou em consideração a aproximação prévia com a pesquisadora, para que elas sentissem confiança de realizar esses trajetos com alguém conhecido e assim produzissem suas narrativas de forma mais livre e seguras.

A metodologia dessa pesquisa teve como bases o caminhar e o dialogar, ou seja, ao caminhar com as crianças pelos espaços em que elas mesmas me levavam, elas estabeleciam narrativas que perpassavam conceitos como, tempo, espaço e memória. Os conceitos

historicamente construídos, como cidade e bairro eram trazidos a partir da interferência da pesquisadora ao perguntar sobre eles e seus limites. Todos os trajetos se iniciaram a partir da casa de segurança dessas crianças; sendo essas à casa dela mesma, como foi o caso de Savio, ou a casa das avós, como foi o caso de Bento e Marina. A mesma pergunta iniciou o diálogo com as crianças: “Vamos dar um passeio?”.

1.1. Percursos de Bento

Os trajetos realizados com Bento, 3 anos, se iniciavam na casa da avó e se estendiam até o parquinho.

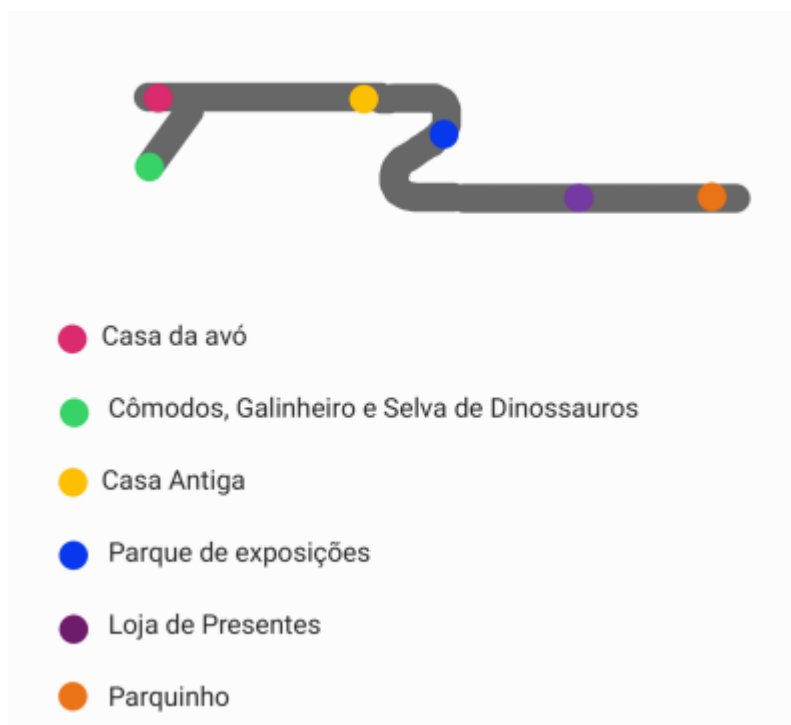


Imagem produzida pela pesquisadora a partir do aplicativo Samsung Notes

2.1.1. Sobre cômodo, galinheiro e selva de dinossauro

Em uma tarde nublada de domingo, Bento pediu para ver o avô, logo iniciamos o caminho até o quintal onde o seu avô sempre fica e que se tornou o ponto afetivo de encontro dos dois. Para ter acesso ao quintal, saímos da casa de sua avó, que fica ao nível da rua, descemos a rampa que dá acesso à casa do avô e seguimos pela última rampa até o quintal. Geralmente o seu avô se encontra na primeira porta dessa rampa, então Bento logo já entrou à

sua procura. Nesse dia, entretanto, o avô não estava ali e Bento ficou à sua procura. Ao explicar que o avô deveria estar no fundo do quintal, Bento logo quis descer o restante da rampa e achá-lo.

Ao continuarmos descendo, em direção ao avô, Bento parou na segunda porta e ficou olhando atentamente para um cômodo, com alguns objetos espalhados, como pedaços de madeiras e ferramentas. Logo ele iniciou seus questionamentos sobre o que seria ali.

B: O que é isso? - Perguntou Bento, apontando para o cômodo e entrando no ambiente.

A: É um galinheiro.

B: Mas, não tem galinhas?

A: Antigamente tinha. Quando eu era do seu tamanho, tinha um monte de galinhas aqui. Bento me olhou em completo choque, como se fosse impossível eu já ter tido o tamanho dele.

A: Você sabia que eu já tive o seu tamanho?

B: Sabia.

Responde Bento, sem muita certeza. O semblante de dúvida permanecia.

A: E você acha que isso tem muito ou pouco tempo?

B: Tem muito tempo.

A: Seu pai já era nascido?

B: Não, ainda não.

Importante ressaltar que o pai de Bento tinha, no contexto da entrevista, cerca de quarenta anos de idade, enquanto eu tenho 21 anos de idade. Nesse momento, Bento sobe a rampa e entra no cômodo mudando seu foco do assunto.

Depois de quinze dias, Bento retornou à casa da avó e como já era rotineiro, pediu para ser levado ao avô. Ao realizarmos o mesmo caminho, novamente não encontramos o seu avô na primeira porta e tivemos que descer mais. Ao passar pela segunda porta (o cômodo), notei o mesmo olhar curioso de dias atrás, mas dessa vez havia uma centelha de reconhecimento.

A: O que era aqui, Bento?

Ele fez uma leve expressão de dúvida.

A: Eu te contei outro dia, você lembra?

B: Lembro. Aqui era uma selva que antigamente viviam os dinossauros.

A partir das narrativas produzidas por Bento, observarmos que as concepções construídas na infância se apresentam de maneiras singulares, cujos sentidos sobre os espaços são reelaborados a partir de suas próprias narrativas e das narrativas escutadas, neste caso a

minha narrativa sobre o galinheiro que havia sido naquele espaço e a de seu pai, que havia contado para ele que as galinhas eram descendentes dos dinossauros. Nessa negociação entre narrativas e trajetos percorridos, notamos que, em sua maneira única de vivenciar o espaço, as crianças constroem suas territorialidades, conceito que se refere à maneira particular como as crianças interagem e constroem o espaço, não se tratando apenas do espaço físico, mas do jogo construído entre as memórias e as relações afetivas ali estabelecidas.

A narrativa elaborada pelo Bento na segunda visita ao antigo galinheiro se constrói a partir de uma negociação entre o espaço que está vendo e as narrativas elaboradas por mim e pelo pai. Nesse cenário, ele remonta sua narrativa unindo todas essas faces, mostrando a negociação que houve entre sua narrativa inicial, o espaço explorado e as narrativas socialmente compartilhadas, que lhe foram contadas.

As lembranças não são simples reproduções do passado, mas sim são reconstruções que dão um novo sentido ao que já foi vivido, sofrendo interferência do presente. Segundo Halbwachs,

A lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos. Desse modo, a constituição da memória de um indivíduo resulta da combinação das memórias dos diferentes grupos nos quais está inserido e consequentemente é influenciada por eles, como, por exemplo, a família, a escola, igreja, grupo de amigos ou no ambiente de trabalho. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva. (2013, p.2)

Ao estabelecer uma comunidade afetiva entre pesquisadora e as crianças, em que elas se sentem acompanhadas e escutadas ao compartilhar suas narrativas, entendemos que o pensamento construído pela criança envolve traços da memória individual e coletiva, assim como a imaginação infantil. No primeiro diálogo, Bento não possui nenhuma lembrança prévia sobre aquele espaço, entretanto a partir da escuta de minhas lembranças com aquele espaço, Bento elabora sua própria lembrança sobre o cômodo de objetos. Em sua segunda visita ao espaço, ele já possui uma lembrança sobre o galinheiro, que havia sido criada com base em um saber compartilhado socialmente entre nós dois. Entretanto mais uma lembrança, compartilhada, dessa vez por seu pai, entra em ação e ele se recorda que “as galinhas seriam descendentes dos dinossauros”. A negociação feita entre a imaginação – a selva - e a memória coletiva compartilhada, por mim e pelo pai, constrói a singularidade do pensamento da criança, que vê aquele espaço como uma “selva que antigamente viviam os dinossauros”.

Nos trechos analisados é perceptível outra peculiaridade das narrativas infantis, a fragmentação, que não se refere à ausência de complexidade delas, mas mostra como as crianças

constroem nesses diálogos interrompidos, a profundidade de seu pensamento e demandam uma escuta atenta ao serem ouvidas nesses breves momentos. A fragmentação no diálogo sobre o galinheiro aparece quando Bento entra no cômodo e seu foco se altera para aquele novo espaço. O assunto que estávamos conversando deixa de ter relevância para ele naquele cenário e sua atenção se volta completamente a exploração daquela nova situação.

Nesse cenário, a memória também exerce o papel de estabelecer vínculos entre-tempos, pois a partir dela, a relação estabelecida deixa de ser a de narratário³ e narrador, passando a ser de narradores para narradores, e além disso passando a ser de criança para criança, em que as memórias de infância de Piau da pesquisadora se encontram com as memórias e elaborações da criança pesquisada.

A partir disso a pesquisa biográfica mostra sua face de ser sempre também autobiográfica, característica trazida por Friedmann (2023). No processo de conhecer o outro pela narrativa, também nos autoconhecemos e daí se estabelecem as conexões necessárias para que a pesquisa narrativa se defina. Diante do questionamento de Bento sobre o espaço, hoje vazio, memórias sobre a minha infância reverberaram, como ocorreu também ao caminhar por aquela rampa para ver o seu avô. Caminhar com Bento recriou não só o vínculo com aquele espaço, mas com a própria memória de infância da pesquisadora, o que atravessou o diálogo com Bento e a construção de sua narrativa.

Seguindo nas narrativas apresentadas, se observa também uma das particularidades da memória na infância, a imaginação se mesclando com as lembranças por meio dos modos de narrar e lembrar. Nesse cenário, a memória mostra sua face de se compor e decompor conforme as lembranças se organizam, estando em constante flutuação, sempre sendo narrada de uma nova forma, que sofre interferências do passado vivenciado e do presente dialógico ali vivido.

Ao nos debruçarmos sobre as formas das crianças construírem sentidos sobre o espaço, percebemos que “ela olha as margens, os restos, os refugos e este olhar instiga uma produção de sentidos próprios, pois as imagens que ela fixa pertencem ao inusitado, ao que o olho traduz em um encantamento.” (MEDEIROS, 2011, P.76). Ou seja, ao observar inicialmente aquele espaço com objetos, que não necessariamente produzem um sentido único, a criança não se apega ao sentido construído socialmente, mas constrói o seu próprio, transformando o cômodo em uma selva de dinossauros.

A partir disso percebemos que as crianças não vivem os espaços como os adultos os programaram para serem vividos, elas os transformam:

³ O termo narratário se refere à pesquisadora, que, na situação de diálogo com o narrador, neste caso, as crianças pesquisadas, também constrói narrativas.

Há momentos em que as crianças subvertem, há momentos em que elas interpretam, reproduzem o espaço e seus objetos, e há momentos de criação, de invenção, transformando-os, organizando os princípios da forma, função, localização, organização, representação e outros, a partir de suas ações (LOPES, 2008, p.78).

Em relação às construções temporais realizadas durante a narrativa, percebemos que a criança possui uma forma particular de compreender o tempo. Apesar de ainda não compreender socialmente as ideias de passado e presente, a criança já é capaz de empregar alguns conceitos característicos, a partir da escuta de outras narrativas e da repetição. Temos como exemplo, a palavra “antigamente”, que passa a ser utilizada por Bento no segundo diálogo, após ter me escutado falar que, “antigamente tinha (galinhas). Quando eu era do seu tamanho, tinha um monte de galinhas aqui.”, Bento passa a explicar que “aqui (referindo-se ao cômodo) era uma selva que antigamente viviam os dinossauros”. Ou seja, a distância temporal entre a minha idade e a idade dos dinossauros não é “calculada”. Nesse caso, “antigamente” é um tempo passado único.

Nesse cenário, percebemos que não é necessário esperar que as crianças compreendam determinados conceitos para conversar com sobre eles, pois esses podem ser construídos progressivamente de forma dialógica.

1.1.2. A Casa Antiga:

Em uma manhã ensolarada de domingo, Bento estava muito agitado na casa da avó e por isso resolvi convidá-lo para um passeio. Ele claramente aceitou e pediu que fossemos andando. Iniciamos o trajeto e a ideia inicial era levá-lo ao parquinho que havia sido construído recentemente na cidade. Por ser um dia de domingo e o movimento de carros estar bem pequeno, eu deixei que ele andasse sem segurar a minha mão, desde que ficasse no passeio. Nesse movimento de autonomia, ele assumia o olhar das infâncias de quem parece sempre estar vendo o mundo pela primeira vez e andava subvertendo os espaços construídos, muito distante de uma visão adultocêntrica⁴, criando sua própria interpretação sobre ele, como ao não encarar

⁴ Adultocêntrica, visão estabelecida pelos adultos sem levar em consideração os universos infantis e suas especificidades.

aquele caminho como uma simples rua que o levaria a algum lugar, mas como um desafio recheado de descobertas, em que cada degrau se tornava uma grande montanha e cada calçada se tornava o seu palco.

No caminho em direção ao parque, há uma construção histórica da cidade, provavelmente uma das casas mais antigas da parte urbana. Ao passarmos por ela, resolvi estabelecer um diálogo com Bento em relação à casa.

A: Que casa bonita, não é Bento? Você a achou grande ou pequena?

B: Ela é grande, muito grande.

Bento olhava para cima, parecia que sentia ser impossível alcançar o tamanho daquela casa com o seu olhar.

A: Verdade, ela é muito grande. E você acha que ela é nova ou velha?

B: Ela é nova.

A: Nova?? Por que você acha que ela é nova?

Nesse momento, penso que meu choque com a resposta dele talvez o tenha surpreendido e feito com que ele ficasse meio inseguro de sua resposta.

B: Porque ela tá pintada.

A: Ah, entendi. É verdade, ela tá pintadinha. Quem você acha que mora aí?

B: Eu não sei. Você sabe quem mora aí?

A: São dois senhores.

Como continuamos andando, o perímetro da casa acabou e um gato que estava no caminho chamou a atenção do Bento e o desviou do assunto.

A partir deste diálogo, é perceptível que as concepções de tempo estabelecidas pela criança são diferentes daquelas que posteriormente se constroem na vida adulta. Conceitos como novo e velho ou antigo e atual ainda são muito abstratos nessa fase. Ainda nesse sentido, as crianças não necessariamente se apegam às visões que esperamos dela, logo ao observar a casa, Bento não se apegava à arquitetura, e sim aos detalhes que lhe chamam a atenção, como o tamanho e a pintura, fato que torna a pesquisa com crianças tão rica e imprevisível.

O relato feito anteriormente ocorreu em Janeiro, ao passearmos novamente seis meses depois, dessa vez acompanhados da madrinha e do seu irmão (Tutu) que andavam um pouco à nossa frente, notei mais uma vez o olhar atento de Bento à casa e como seus olhos pareciam se perder em sua imensidão. A partir dessa observação resolvi repetir o mesmo questionamento que havia feito a ele seis meses atrás.

A: Olha a casa Bento.

B: Ela é grande.

A: É mesmo. Ela é nova ou é velha?

B: Ela é nova. Olha! - Bento apontou para duas estátuas de tigresa na casa.

A: Oh, são as tigresas.

B: Olha o Tutu.

Nesse momento o irmão começou a imitar um tigre e a atenção dele se desviou da casa.

Nesse diálogo percebemos novamente como a criança renova seu próprio olhar sobre o espaço, pois diferente da primeira vez, em que ele observou a pintura da casa, dessa vez Bento se apegou às estátuas que ficam em cima do portão de saída da casa. Esse episódio também revela mais uma vez uma característica do olhar das crianças, o olhar para o mundo como se o vissem pela primeira vez, o que faz com que elas modifiquem suas concepções narrativas sobre aquele espaço a cada vez que volta à cena.

Nesse sentido, as narrativas elaboradas sobre aquele espaço são reconfiguradas, entretanto não perdem aspectos das que haviam sido anteriormente construídas. Por exemplo, mesmo após seis meses, e tendo foco nas estátuas e não na pintura, a casa não deixa de ser nova na visão do Bento.

Os conceitos de tempo começam a aparecer nas narrativas das crianças desde muito cedo, mesmo não sendo usados da forma socialmente construídas pela lógica do adulto. Ao ser questionado sobre os conceitos de “nova” ou “velha”, Bento não demonstra dificuldade de usá-los e responde com segurança que a casa seria nova.

Nessa perspectiva percebemos que “as crianças constroem, para si própria, uma explicação difícil de ser interpretada pela lógica adulta, mas sem dúvida alguma, carregada de significados.” (OLIVEIRA,2003, p.162). Ou seja, para os adultos é praticamente inconcebível considerar aquela casa nova, entretanto a criança a vê dessa forma e ao ser escutada fica perceptível que essa construção não é feita de forma aleatória, mas sim de forma significativa. A pintura, que garante à casa um aspecto de conservação, parece ser o critério de decisão da criança de se tratar de uma construção nova.

1.1.3. O Parquinho:

Ir à Piau sempre se mostrou para o Bento uma oportunidade de desvendar um espaço a partir de suas próprias vontades, sem precisar segurar a mão do adulto a todo momento e ter um caminho pré-estabelecido.

Em uma cidade tão pequena, um evento que se parece muito simples vira um acontecimento, pronto para receber as pessoas e dali se estabelecerem relações sociais. Um parquinho, como é chamado por Bento, foi inaugurado na praça central da cidade e sempre quando passo próximo dele, está rodeado de crianças, que o exploram das mais diversas formas, subindo sobre onde foi construído para descer e se aventurando em diferentes interpretações sobre aquele mundo. Aquele espaço se tornou um lugar em que eu passara a observar a dinâmica das crianças e buscava compreender um pouco daquele espaço, olhando as relações estabelecidas ali, com os brinquedos, mas também com o espaço e os outros seres ali envolvidos.

O cenário em que essas vivências ocorrem, pode ser, na visão adultocêntrica, pouco indicado para o universo infantil, devido à grande quantidade de rampas e escadas. Entretanto o local se mostra o seu grande palco. As escadas se transformam em palanques em que eles discursam, as rampas viram grandes montanhas a serem escaladas, as pernas dos bancos viram as traves do gol e o topo do escorregador se torna um castelo ou uma casa. A partir dessa interação das crianças com o espaço, percebemos que elas desenvolvem sua própria territorialidade, sua própria forma de ocupar os espaços, sem se apegar necessariamente às limitações impostas na construção daquele espaço. Ou seja, a criança não o vivencia como foi programado pelo adulto, mas sim o subverte.

Nesse contexto, em uma tarde ensolarada de domingo, Bento e eu estávamos na casa da avó. Com o objetivo de convencê-lo a almoçar toda a comida, prometi levá-lo ao parquinho depois do almoço. Mesmo não esperando encontrar muitas crianças por lá como ocorria frequentemente, devido ao dia e ao horário, após o almoço nós saímos em direção ao local prometido.

Durante todo o percurso Bento demonstra suas próprias formas de vivenciar o ambiente, de produzir significados sobre eles. Ao me questionar sobre onde seria o parquinho e se ainda faltava muito para chegar até lá, busquei localizá-lo a partir de espaços em que ele já tinha ido, falando que ele era do lado do mercado em que o padrinho dele trabalhava e se ele se recordava sobre isso. Ao me responder, Bento trouxe outro ponto de referência, questionando se o padrinho trabalhava na loja de presentes e se nós poderíamos passar lá. Informei a ele que a loja provavelmente estaria fechada porque era domingo e o comércio não abria depois do almoço, mas que outro dia nós poderíamos voltar lá.

Ao chegarmos ao parquinho e ver as outras crianças, o sorriso do Bento logo apareceu. O parque pareceu se tornar o meio pelo qual ele conseguiria socializar com as crianças: ao ver uma criança balançar, Bento queria ir ao balanço e conversar. Ao ver outra criança no

escorregador, ele ia escorregar e, ao ver os meninos jogando bola, Bento foi até lá jogar também. Bento ficou nesse jogo de exploração dos espaços por alguns minutos, até se enturmar no meio das outras crianças maiores, que o receberam e o ensinaram as brincadeiras que estavam fazendo, permitindo que ele tentasse e caso não conseguisse eles explicavam novamente, mostrando que as culturas das infâncias têm suas próprias facetas, seus próprios modos de se apresentar, nesse caso por meio da transmissão oral das brincadeiras.

Quando as outras crianças foram para suas respectivas casas, ele se mostrou um pouco decepcionado, entretanto logo olhou para o outro lado da rua e notou uma pequena casa de madeira vermelha, que eu expliquei que havia sido usada pelo Papai Noel na época do Natal. Ele logo pegou em minha mão e me puxou. Deixei que ele me guiasse até lá, parando no momento de atravessar a rua e lembrando a ele que nós tínhamos que olhar se não estava vindo nenhum carro e perguntando se ele poderia me ajudar a olhar.

Quando chegamos na pequena casa, Bento explorou toda ela, entrando e ficando alguns minutos lá dentro investigando o espaço. Ao sair novamente, Bento diz que temos um problema, que a produção de presentes do Papai Noel está atrasada e que nós precisávamos arrumar a casinha. A partir daí ele iniciou uma das brincadeiras que mais gosta, a de pedreiro, e começou apertar e martelar em parafusos e pregos imaginários. Bento ficou nessa brincadeira por minutos a fim, concentrado em consertar toda a casa e sempre repetindo que tínhamos que arrumar porque as crianças precisavam de presentes. As brincadeiras de pedreiro são influências de seu pai, que para evitar que Bento mexa em suas ferramentas, deu a ele seu próprio *kit* de construção, com ferramentas semelhantes a do pai. A partir desse presente, Bento está sempre construindo ou reconstruindo alguma coisa.

A ida ao Parquinho aqui relatada, foi a primeira, mas não a última, pois agora sempre que está em Piau, Bento me pede para irmos até lá. Levando em conta esses passeios, é possível observar o desenvolvimento do conceito de cidade para a criança a partir de suas vivências. É importante reforçar que o conceito “cidade” é uma divisão política, do mundo adulto, e que não se aplica dessa mesma forma para as crianças. Para as crianças, o conceito de cidade se mostrou muito mais ligado aos afetos e experiências vivenciados por elas naquele espaço. No início do caminho de pesquisa, ao questionar Bento onde seria Piau, ele sempre demarcava como a casa da avó; com o avanço da pesquisa através dos passeios realizados com Bento, a resposta se alterou e Piau passou a ser, para ele, da casa da avó até o parquinho.

Apesar do alargamento dessa concepção de cidade, ainda se percebe momentos de recuos, muito ligados às emoções. Em um dia em que estávamos caminhando novamente em direção ao parquinho, ele não estava conseguindo ir livremente como gostava, pois tinha uma

cavalgada na cidade e o movimento estava muito grande, logo optei por não deixá-lo andar sem segurar a minha mão. Ele não se mostrou muito satisfeito frente a essa atitude minha e apresentou seu descontentamento. Nesse cenário, não só o fato da perda de liberdade ao andar segurando na mão afetara as emoções do Bento, mas também a perda da característica principal de Piau para ele, a de segurança e de reconhecimento, que se perdem no movimento da cavalgada.

B: Eu quero ir embora.

A: Ué, a gente não ia levar a camisa para o seu dindinho e ver os cavalos?

B: Eu quero ir pra Piau.

A: Tá bom. Mas a gente não tá em Piau?

Bento me olhou com expressão confusa.

A: A gente tá aonde?

B: Em Piau, mas eu quero o meu pai.

A: Tá bom, o mercado está ali na frente, olha. Aponte em direção ao mercado. - A gente pode levar a blusa primeiro?

B: Pode.

Bento foi andando na frente e diz:

B: Olha, prima Ana Carla, os cavalos!

A sua decepção em relação a não estar andando livremente pelas ruas, como sempre faz, o leva a se apegar a Piau em que ele se sente livre e sem amarras, a Piau casa da avó. Entretanto, ao ser questionado sobre onde ele estaria já que ali não era Piau, ele retoma ao seu conceito inicial, porém não desapega de sua ideia da casa da avó, ou seja, ele concorda com o meu questionamento, mas não se “desmente”.

1.2 Percursos de Marina

O trajeto realizado com Marina, 4 anos, se iniciou e terminou na casa da avó.



Imagem produzida a partir do aplicativo Samsung Notes

1.2.1. A Moita de Bambu

Em uma quinta-feira pela manhã, durante a caminhada, Marina falava sobre os amigos da escola e o penteado que a mãe havia feito em seus longos cabelos. Até que ela se depara com uma moita de bambu abaixo do nível da rua, que para muitos passaria imperceptível e nunca faria parte das geografias da cidade. Entretanto não deixa de afetar o olhar da criança, que ao vê-la estabelece uma relação afetiva com aquela imagem construída, a comparando com a mesma moita de bambu que há em frente à sua casa.

As crianças constroem múltiplas visões sobre a cidade, construindo diferentes geografias dessa, por esse motivo se dá o uso do termo “geografias”, para representar as multiplicidades dessa.

“O sentido de infâncias é atravessado, dessa forma, pelas dimensões do espaço e do tempo que, ao se agregarem como grupo social, produzem diferentes arranjos culturais e diferentes traços simbólicos. As crianças ao se apropriarem dessas dimensões, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam diferentes histórias e geografias.” (LOPES, 2008, p.67).

Ou seja, na própria vivência da criança sobre o espaço, essas geografias se concebem.

O diálogo estabelecido sobre a moita é o seguinte:

M: Olha, ali tem bambu. - Apontou para a moita de bambu. - Perto da minha casa tem.

A: Olha, é mesmo! A moita que tem perto da sua casa é maior, né?

M: Sim.

A: Eu passei lá perto outro dia.

M: Eu não te vi.

A: Eu só passei na rua, não entrei lá e foi dia de semana, você devia estar na escola, acho que foi na quarta.

M: Ah, eu não estava lá então. Teve festa.

A: Festa? Foi na sua casa?

M: Foi, minha mãe fez batata.

A: Batata frita? Que delícia! Que dia que foi?

M: Eu não lembro, foi outro dia.

As crianças constroem suas geografias a partir de um olhar muito próprio delas, trabalhando com pontos de encontro que para muitos passariam imperceptíveis. Friedmann (2020), trabalha com o conceito de “lugares de intimidade”, que se configuram como ambientes em que o ser humano estabelece o nível do olhar, são “como lugares para os corpos, onde eles possam se ver, se tocar, se encontrar.” (P.61). A autora traz as esquinas, os cantos, os interiores e as pausas como exemplos desses lugares.

Nesse sentido, a moita de bambu se apresenta como um lugar de intimidade para Marina, em que ela pausa sua caminhada para observar e se encontrar com suas lembranças e referências sobre sua casa. Aquela moita de bambu traz a sensação de familiaridade a Marina e a partir daí passa a fazer parte da geografia que ela constrói sobre aquele trajeto.

Ao prosseguir na conversa percebemos que a memória em seu tempo vivo dispensa a comprovação, ou seja, enquanto a criança elabora sua narrativa e constrói suas memórias, ela não busca provar o fato como verídico. Enquanto o tempo cronológico se mostra tão importante na visão adultocêntrica para orientar os fatos em relação ao tempo em que eles ocorreram, este não exerce tal papel central na infância. O tempo cronológico não ganha tanta relevância, pois o que afeta a compreensão da criança é a lembrança de comer a batata frita feita pela mãe na festa e não o dia que ela foi feita.

1.3. Percurso Savio

Os trajetos realizados com Savio, 5 anos, se iniciavam em sua casa e também terminavam lá, após caminharmos por todo espaço que ele considerou o bairro em que mora.



Imagem produzida a partir do aplicativo Samsung Notes

1.3.1.A Casa do avô:

Em uma quinta-feira pela manhã, era feriado e as ruas se encontravam praticamente vazias. Naquele momento eu me dirigia à primeira conversa com o Savio, que também seria a primeira marcada previamente e “planejada”, ansiosa para saber onde ele me levaria e qual caminho faríamos.

Ao convidá-lo para um passeio, veio o questionamento de para onde seria esse passeio e, ao informá-lo que ele poderia escolher, ele respondeu que não sabia para onde queria ir, entretanto tomou a frente e seguiu a rua de sua casa. Quando a rua acabou e ele se deparou com a esquina, fez uma pequena pausa, olhou para as duas ruas que se abriam dali e pareceu refletir sobre qual caminho tomar. A esquina produz o que Friedmann (2020) chama de “lugares de intimidade”, em que paramos para estabelecer o olhar, nível em que as relações humanas acontecem. Neste sentido ali a criança produz um espaço em que se encontra consigo mesma para decidir seu próximo passo. Ao se ver nessa encruzilhada e refletir sobre ela, Savio tomou o caminho que realizava sempre para ir à casa de seu avô, logo o que estava presente em sua geografia pessoal.

O trajeto se seguiu ao longo da rua e novamente nos deparamos com uma curva, que após passarmos dela poderíamos ver a casa tão aguardada por ele, a do avô. Observando o Savio, era possível notar seu olhar de expectativa e empolgação, como se aguardasse a figura de seu avô surgir daquelas paredes. Como na realização de um sonho, seu olhar se transformou na mais pura felicidade ao ver a bicicleta de seu avô surgir e, a partir daquele momento, também passar a fazer parte daquele trajeto.

A criança constrói a sua geografia a partir de suas experiências e afetividades, nesse sentido a casa do avô se mostra como um orientador e ele se pega indo em direção a ela e em seguida já procurando a figura do avô sem nenhuma imposição maior, como se para ele aquele fosse seu caminho de segurança.

Além de percebermos a importância das afetividades nas geografias construídas pelas crianças, fica evidente que, ao produzir suas narrativas, a criança não se utiliza só da linguagem verbal, mas também das linguagens simbólicas, como o corpo, as emoções, as produções e as brincadeiras. Ou seja, nas narrativas das crianças, há um universo imaginário e reações que não se revelam pela verbalização, mas sim pelo simbolismo.

Ao se abrir para escutar é necessário se atentar às reações das crianças, é necessário realmente olhar para elas e não só para as suas falas. No momento em que vê a casa do avô, Sávio não oraliza nenhuma palavra, entretanto sua linguagem corporal e o seu olhar deixam

claros a importância desse momento para ele. Caso o olhar sobre tais linguagens não fosse atento, não se perceberia a relevância desse espaço para ele, logo não seria possível conhecer a geografia ali formulada por ele.

1.3.2.O Rio Piau e a Ponte:

O Rio Piau acolheu em seu leito todo o crescimento da região urbana da cidade, desde os primórdios, e assim como fez com Piau ele também perpassou os caminhos dessa pesquisa, como o local dos grandes encontros, do Sávio com a Ana Carla criança, do Savio com seus familiares e dele com as próprias águas do rio, que tanto simbolizam.

Segundo Medeiros (2011), “a memória sofre flutuações, transformações e mudanças constantes apresentando sempre uma configuração mutável (p.152)”. Ou seja, assim como o rio, as memórias estão em constante movimentação. As águas que agora passaram pela ponte jamais voltaram ali da mesma forma, assim como as memórias que aqui foram narradas, passarão por interferências da vida, pelo tempo, pelo espaço, pelos afetos.

A ponte é mais que um lugar de passagem das águas, é também um lugar de construção e reconstrução das memórias das crianças, um lugar de encontro, em que o tempo tão corrido parece se encontrar com a calma apressada das águas.

Nas narrativas produzidas pelo Savio durante as conversas, era possível perceber aquele espaço como um local de afeto com sua família (mãe e avô), e que mesmo não sendo um lugar que a visão adultocêntrica se destine às crianças, é nele que ela assume sua territorialidade e remonta as características desse espaço em sua própria geografia.

Esse espaço se apresenta tão presente na territorialidade de Savio que fica perceptível seu conforto ao andar por ele. É nesse espaço que ocorrem as conversas mais inusitadas e mais interessantes, as que mostram a grande beleza de se pesquisar com as crianças, a de nunca saber o que está por vir, de sempre lidar com o inesperado.

Na primeira entrevista realizada, em uma quinta pela manhã, o diálogo começou muito por uma emoção minha ao evocar minha infância com meu avô ao passar pela ponte. Mas a partir daquele diálogo, pareceu se tornar um lugar do inusitado.

A: Você vem sempre ver o rio? (Essa pergunta esteve atravessada por minha memória de infância, pois me lembro de sempre ir com meu avô ver o rio e como sei que ele também tem costume de sair com o avô, optei por fazer essa pergunta.)

S: Sim, eu venho com a minha mãe.

A: É mesmo, que legal! E como está o rio hoje? Ele tá cheio ou vazio?

S: Ele tá muito cheio. Choveu esses dias.

A: É mesmo? Que dia?

S: Não sei.

A partir dessa conversa percebemos os conhecimentos elaborados pela criança de acordo com o senso comum e suas vivências anteriores. Savio liga a cheia do rio às chuvas e isso não necessariamente se estabelece por um conhecimento ensinado de forma sistematizada, mas pelo convívio com aquele espaço, ao escutar adultos que o levaram, relacionando o volume do rio à chuva, ou a falta dela. Ele também estabelece claramente que, como choveu esses dias, o rio deveria estar cheio.

Já na segunda entrevista, em uma terça à noite, as conversas pela ponte se estenderam e dessa vez ainda mais fluidas que as águas do rio.

S: Olha, uma capivara. Ela não tem rabo.

A: Olha, eu acho que ela tem sim, só que ele é muito pequeno e não tá dando pra ver.

S: Será que ela dorme onde? Acho que embaixo da ponte. As outras devem estar lá.

A: Pode ser. Elas andam todas em grupo, né?

Os animais sempre se mostram como um ponto de contato entre ele e o mundo. Savio parece encontrá-los em seus mais diversos espaços e se importa muito em perguntar ou criar hipóteses sobre os animais, desde seus hábitos até suas características.

Ao continuarmos andando, acabamos voltando pelo mesmo caminho, o que nos levou a passar novamente pela ponte. Outra vez, a ponte se mostra um lugar em que ele se sente ouvido e livre para perguntar. Como em outros momentos, Savio traz os animais como referência, dessa vez construindo uma relação entre eles e as “lendas”, como ele mesmo nomeia.

S: Existe lobo?

A: Existe, qual tipo de lobo?

S: Lobo mau eu sei que não existe, as lendas não existem.

A: Não? Eu jurava que existia, e o Papai Noel?

S: Não, ele existe. Não existe as lendas das histórias, tipo folclore.

A: Nenhum deles existe?

S: Não, só aquele que é rosa existe.

A: O boto?

S: Isso, ele existe.

A: Entendi.

S: A capivara não tá ai mais, ela deve ter ido dormir.

A: Verdade.

As “lendas” e o “folclore” se apresentam como formas dos adultos de adaptarem a compreensão do mundo e a expressão dos sentimentos, medos e valores por meio da imaginação para o universo infantil. Logo, eles funcionam como uma ponte entre o imaginário e o real, permitindo que o mundo seja compreendido de uma forma simbólica. Nesse diálogo, Savio deixa claras as suas construções entre a realidade e a ficção, estabelecendo quais narrativas para ele são reais e quais são fantasias. Nesse sentido, percebemos que as crianças os aceitam ou os subvertem, não de acordo com a “evolução” do seu pensamento, mas levando em conta suas vivências e o que suas experiências explicam ou não. Isso significa que é coerente, para a criança, que não exista lobo mau, mas que exista Papai Noel.

Nesse sentido, percebemos que os critérios que as crianças utilizam para estabelecer o que seria real e o que seria ficção não são lineares, ou seja, não seguem a lógica esperada por um adulto, mas sim um sentido próprio de cada criança. No caso de Savio, fica claro como a relação que ele estabelece com os animais interfere nessa distinção feita por ele, nesse cenário as lendas de animais, como o boto, são parte da realidade e outros, como o Curupira são parte da ficção. Mesmo nesse sentido fica claro que não há uma linearidade, pois o Papai Noel é considerado real, mesmo não se relacionando com o mundo animal.

No decorrer da conversa anterior, fica claro novamente a fragmentação, típica das narrativas produzidas pelas infâncias, pois Savio rapidamente muda o rumo da conversa, deixando de falar sobre as lendas e passando a fazer questionamentos sobre o futuro de sua interlocutora:

S: Você já vai dar aula amanhã?

A: Ainda não, Savio, tem que esperar formar primeiro.

S: Quando?

A: Só no meio do ano que vem.

S: Então você vai fazer 6 anos. Porque quando você faz 6 anos, você se forma.

A: É mesmo? E você vai se formar quando?

S: Em novembro, quando eu fizer 6 anos.

Nesse diálogo, percebemos que para as crianças o tempo histórico é uma construção causal e não meramente cronológica, ou seja, “a criança justifica a ordem cronológica através da relação causal entre dois fatos e não faz, simplesmente, pela sequência numérica dos anos.” (OLIVEIRA, 2003, p.157). Como ele irá se formar (concluir a Educação Infantil) aos 6 anos de idade, logo, a minha formatura será aos 6 anos de idade também, o que gera a sua conclusão de que farei 6 anos de idade. As narrativas anteriormente ouvidas e interpretadas por ele, em suas vivências familiares e escolares, o levaram a construir a ideia de que a formatura está diretamente ligada à chegada de uma certa idade, os 6 anos. E mesmo sabendo que não possuímos idades parecidas e que as formaturas que passaremos sejam diferentes, ele afirma que ao formar eu farei 6 anos. Logo, ele percebe a formatura e os 6 anos por uma relação causal e não cronológica.

1.3.3.O Laticínio:

Em uma terça à noite, o clima estava quente, e nós iniciamos o segundo passeio, dessa vez Savio escolheu ir com seu patinete e tomou o caminho inverso ao feito da primeira vez.

Durante todo o trajeto inicial conversamos sobre a cidade, os animais da roça do pai dele e de quais ele mais gostava. Ao passarmos pela ponte falamos sobre as capivaras e seguimos. Ao passarmos em frente a um antigo laticínio, que havia sido fechado há muito tempo, Savio viu uma vaca pintada na parede, que não havia lhe afetado das outras vezes que passamos ali, mas dessa vez lhe chamou a atenção, principalmente pela relação íntima que ele possui com a natureza, sempre demonstrando felicidade e empolgação ao contar sobre seus animais da roça. Antes de observar a pintura da parede, nós já estávamos falando sobre bois, o que pode ter afetado a sua percepção sobre aquele espaço. Por isso apresentarei não só o diálogo sobre o laticínio, mas também o que ocorreu um pouco antes. Nesse momento, o avô dele também estava acompanhando o passeio, por isso suas falas também aparecem, representadas pela letra Z.

Z: Você vai ter um gadinho desse quando crescer, né Savio? O avô apontou para o pasto à frente.

Após um tempo de silêncio, imaginei que Savio não havia escutado e interferi.

A: É mesmo, Savio? Você vai ter um gadinho quando crescer?

S: O que é gadinho?

A: É boi.

S: Eu já tenho lá na roça, mas lá é só bezerro, ali tem boi também. Olha, aquele parece um cachorro, mas deve ser só um bezerro. - Continuou andando e viu uma vaca pintada na parede

S: Que vaca é essa?

A: Ah, é porque antigamente aí era um laticínio.

S: O que é?

A: Laticínio é onde se faz queijo, iogurte, as coisas que vem do leite, por isso tem uma vaquinha.

S: Ela tá viva ainda?

A: Eu acho que não, tem muito tempo. Foi quando eu era criança.

S: E mora alguém aí?

A: Acho que não, só na época que era o laticínio.

S: Mas por que tem cadeado então?

A: Porque tem um dono, aí mesmo não morando aí, ele deixa fechado.

S: Mas eu acho que alguém mora aí sim.

A: É mesmo? Quem?

S: Os bichos?

A: Bichos? Que bicho mora ali?

S: As tartarugas.

A: Tartarugas? Aqui?

S: É. Você já viu alguma?

A: Só no zoológico, aqui eu não vi.

S: Onde é o Zoológico?

A: O que eu fui era lá no Rio de Janeiro

S: É longe? O que mais você viu?

A: Mais ou menos, eu fui com a escola na época. Eu vi leão, hipopótamo, girafa, flamingo, arara...

S: Eu já vi um leão.

A: É mesmo? Onde?

S: No zoológico.

A: Olha que legal. Onde é?

S: Não lembro.

A memória surge como uma forma de se estabelecer vínculos entre-tempos, entre o indivíduo que está vivenciando aquele espaço com os que já passaram por ali e deixaram seus rastros. A vaquinha pintada na parede, que para muitos olhares já havia sido apagada, não passa despercebida ao olhar da criança e se torna ali um vínculo entre-tempos, entre o presente daquele sujeito que observa a vaca e o passado da pesquisadora, que a partir de suas lembranças narra o passado daquele lugar, em sua relação afetiva anteriormente estabelecida com o espaço. Ao se dedicar a ouvir a minha narrativa sobre o laticínio, ele não só me escuta, mas também se insere nela a ponto de remontá-la em sua visão, trazendo traços próprios do narrar das infâncias, como a imaginação. Nesse sentido, percebemos que, “as crianças se apropriam das narrativas dos outros para dar vida e substância memorativa para os acontecimentos que vivem por tabela” (MEDEIROS, 2011, P.291.)

A imaginação não aparece deslocada da realidade, ele a constrói baseada em confirmações de sua própria experiência. Em sua concepção, uma casa com um cadeado obrigatoriamente tem um morador e ao escutar minha negativa sobre moradores ali, ele cria sua própria hipótese sobre quem moraria ali, se não fosse uma pessoa, claramente seria um animal.

Essa capacidade de criar hipóteses, de criar devaneios é própria da existência humana, mas se encontra presente de forma ainda mais potente durante as infâncias. “Não é com essas fábulas fósseis, esses fósseis de fábula, que vive a criança. É nas suas próprias falas. É no seu próprio devaneio que a criança encontra as fábulas (...) então, a fábula é a própria vida.” (BACHELARD, ano, p.113). A partir disso, percebemos que a capacidade de devanear torna o ser humano o que ele é. Nas infâncias ela se faz presente a partir de suas falas, logo de seus devaneios as crianças fazem sua própria vida.

1.4. Encontros entre as narrativas.

As narrativas produzidas pelas crianças trazem características da individualidade de cada uma delas. Além dessas, também trazem aspectos da vida socialmente partilhada, tendo pontos de encontro entre as narrativas construídas por Bento, Marina e Savio.

A presença dos avós é uma dessas características compartilhadas entre as três narrativas, todas as crianças perpassam por esse espaço e por essas figuras, tendo nelas um lugar de segurança e conforto. De acordo Friedmann (2020), os avós são a principal comunidade de escuta de muitas crianças, segundo ela tal característica está historicamente presente, em um mundo em que muitas vezes as crianças tiveram suas vozes suprimidas pelas dos adultos, os avós se tornavam a única comunidade de escuta. Mesmo com todas as discussões e evoluções que foram conquistadas em relação aos direitos das infâncias e a necessidade de se escutar a sua voz, os avós ainda são uma importante e marcante comunidade de escuta dessa etapa da vida, sendo muitas vezes os primeiros a darem a criança a oportunidade de ser realmente escutada.

A presença da comunidade de escuta construída pelos avós fica marcada nas três narrativas. A Piau construída por Bento tem a casa da avó como ponto de segurança, como lugar em que ele se sente livre a explorar os mais diversos espaços ali presentes e em momentos de insegurança ou medo, ele pede para voltar à casa da avó. Tal afirmação se observa no diálogo de uma caminhada que estávamos fazendo em direção ao parquinho.

B: Eu quero ir embora.

A: Ué, a gente não ia levar a camisa para o seu dindinho e ver os cavalos?

B: Eu quero ir pra Piau.

A: Tá bom. Mas a gente não tá em Piau?

Bento me olhou com expressão confusa.

A: A gente tá aonde?

B: Em Piau, mas eu quero o meu pai.

Ao se ver fora da zona de conforto de sua construção da cidade, ele rapidamente pede pela segurança trazida pela casa da avó.

No caso de Marina, o trajeto construído por ela se relaciona a todo momento a caminhos já feitos na companhia de sua avó.

A: Você quer ir pra onde?

M: Pra lá. - Apontou na direção da Padaria.

A: Você anda muito por aqui?

M: Sim, minha vó compra biscoito.

A: Ah, que legal! Ai você vem com ela buscar o biscoito, né? E você compra na padaria ou no mercado?

M: Na padaria.

A direção tomada por Marina mostra o trajeto geralmente feito com sua avó, a partir de seus olhos brilhando e de seu sorriso, era possível observar a ligação afetiva que essa possuía com aquele espaço e com a avó.

No caso de Savio, ele também constrói sua geografia com base nos trajetos realizados com o avô. Ao ser colocado em uma esquina e ter a liberdade de escolher qual direção tomar, ele opta pelo caminho que o levaria a casa do avô, demonstrando a dimensão afetiva estabelecida entre os dois.

Outro ponto de intercessão entre as narrativas é a presença das profissões dos pais em meio às brincadeiras e referências estabelecidas por Bento e Savio. O pai de Bento trabalha com obras, logo suas brincadeiras se relacionam a construções e ferramentas; tal fato se observa na casa do Papai Noel, em que a brincadeira estabelecida por Bento consiste em consertá-la para que os brinquedos possam ser feitos. Já o pai de Savio possui uma roça, em que cria diferentes animais, e a partir disso, percebe-se que Savio possui uma relação íntima com a natureza, sempre se orientando a tomando como ponto de partida.

Levando em consideração o que foi apresentado, é possível observar que as narrativas produzidas se constroem em uma dualidade entre o que é socialmente construído e a individualidade de cada criança, ou seja, se constroem em um jogo entre o individual e o coletivo. Nesse sentido, a partir de cada uma das narrativas é possível conhecer características próprias de cada uma das crianças, mas também o contexto em que elas estão socialmente incluídas.

Capítulo 2 - Leituras de Piau elaboradas pelas Crianças

Nos caminhos imprevisíveis da Pesquisa Narrativa, as infâncias me levaram a conhecer uma nova Piau, a que não está nos livros ou nos mapas, mas aquela que está presente na memória de cada um dos habitantes, a que só se torna real a partir das narrativas, a partir das relações sociais ali estabelecidas.

Na busca por compreender as relações que as crianças estabelecem com a cidade, percebi a individualidade de cada uma e a forma como interagiam com a cidade a partir de suas vivências e das narrativas contadas e recontadas a elas.

Entendemos a cidade como um conceito socialmente construído, demarcado politicamente e não naturalmente. Segundo a definição oficial do IBGE (2020), “As Cidades não são sinônimos de Município: elas são constituídas por Arranjo Populacional (um agrupamento de Municípios muito integrados) ou por Município tomado isoladamente, caso não constitua um Arranjo Populacional.”(p.1) Contudo, ao estabelecer suas relações de identificação com o espaço da cidade, as crianças não se ligam a essas delimitações oficiais, mas sim às experiências estabelecidas com este espaço e às questões afetivas, que se relacionam com o sentirem-se pertencentes ou não integradas aquele espaço.

A cidade de Piau, formulada por meio das narrativas das crianças enquanto percorriam seus espaços, se relaciona diretamente com as suas vivências e experiências naqueles espaços. Essas experiências são geralmente compartilhadas com seus pares, que lhes permitem caminhar com autonomia. Nesse movimento, as crianças vão significando e resignificando os espaços, a partir de sua interação com ele e com as narrativas que lhes são contadas pelos adultos e posteriormente interpretadas por elas.

Para reapresentar o que me foi narrado pelas crianças que se relacionava à construção da Piau de cada uma delas, usarei o alargamento em relação ao conceito de cidade, que se liga às relações previamente estabelecidas por elas com aquele espaço e a presença ou não da instituição escolar na vida deles, pois as crianças que já frequentam a escola utilizam de maneira mais frequente os conceitos de “cidade” e “bairro”, mesmo que eles apareçam a partir de uma ressignificação feita pelas próprias crianças.

A Piau narrada por Bento (3 anos) se relaciona diretamente à sensação de conforto e de liberdade, de poder vivenciar aquele espaço à sua própria maneira. Das crianças ouvidas, Bento é a única que não mora definitivamente na cidade, mas a visita quinzenalmente para ir às casas dos avós, e não frequenta nenhuma instituição escolar da localidade. Em suas relações estabelecidas com a cidade, fica claro esse fato, ao percebermos que a sua grande identificação com aquele espaço é a liberdade ao caminhar, o destrinchar daquele território à sua própria maneira, construindo sua territorialidade. As características de uma cidade pequena, caso de Piau, contribuem muito para essa construção, pois as relações tão estreitas e próximas nesse cenário, permitem que a criança interaja com maior frequência do que em uma cidade grande, em que, antes de iniciar seu processo escolar, passa boa parte do tempo dentro do espaço limitado de um apartamento.

Nessa realidade, o conceito de Piau construído e reconstruído por Bento se relaciona diretamente às relações familiares, pois inicialmente a casa da avó se configura como Piau para ele. Ao escutar seus pais dizerem, “Vamos a Piau, na casa da vovó”, Bento relaciona um conceito ao outro, e Piau se torna a casa da avó. Ao caminhar por Piau, até o parquinho ou à casa antiga, se percebe a ampliação das relações ali construídas. Nesse cenário, a construção de Piau passa a ser realizada com base no caminhar, em sua visão o conceito de cidade se relaciona diretamente à sua vivência caminhando por aquele espaço.

Para Bento, Piau se liga muito à sensação de tranquilidade e de segurança. Percebemos tal relação a partir do seguinte diálogo, estabelecido em um domingo à tarde, em que havia uma cavalgada na cidade e um intenso movimento. Naquele dia, estávamos indo entregar uma camisa ao seu padrinho, que trabalha em um mercado a uma distância de 10 minutos de caminhada da casa da avó.

B: Eu quero ir embora.

A: Ué, a gente não ia levar a camisa para o seu dindinho e ver os cavalos?

B: Eu quero ir pra Piau.

A: Tá bom. Mas a gente não tá em Piau?

Bento me olhou com expressão confusa.

A: A gente tá aonde?

B: Em Piau, mas eu quero o meu pai.

Logo, percebemos o que foi anteriormente afirmado, para Bento, Piau se configura como um lugar de segurança e, ao ser colocado em uma situação em que aquele espaço não

transmitia a tranquilidade costumeira, o espaço deixa de representar a Piau e passa a ser um espaço desconhecido, do qual ele quer se retirar.

Ao ser colocado em conflito com sua ideia de voltar a Piau, Bento confirma sua presença ainda na cidade, entretanto demonstra a relação que estabelece entre a segurança e Piau, pois mesmo aceitando que ainda está em Piau, ele mantém a ideia de voltar à segurança, dessa vez usando o pai como argumento.

Diferentemente da Piau narrada por Bento, a Piau representada por Marina (4 anos) não se relaciona diretamente com o caminhar. Ela mora em uma região rural da cidade e percorre todo o caminho para região urbana quando se desloca para a casa de sua avó e para a escola diariamente. Logo essas “viagens” entre diferentes partes da cidade são parte do cotidiano de Marina, por isso o conceito de Piau construído por ela seja o mais extenso, considerando a maior área territorial da cidade, indo da casa de sua avó até Juiz de Fora. Sua compreensão de cidade é a que mais apresentou conceitos estabelecidos socialmente, como de bairro e de cidade, esse fato baseia também, pelo encaminhar realizado durante a pesquisa, ou seja, a criança aborda esses conceitos muito com base no que foi perguntado a ela. Mesmo que se utilize desses conceitos, se percebe que eles ainda não estão completamente estabelecidos para Marina.

O diálogo construído ocorreu em uma quinta-feira pela manhã, quando caminhávamos em um trajeto que era realizado rotineiramente por ela com a avó. Percebemos que ela se sentia à vontade para caminhar livremente.

A: Você anda muito por aqui?

M: Sim, minha vó compra biscoito.

A: Ah, que legal! Aí você vem com ela buscar o biscoito, né? E você compra na padaria ou no mercado?

M: Na padaria.

A: Que delícia! E você sabe como se chama esse bairro?

M: Sei ué.

Marina andou para frente, com expressão de quem estava tentando lembrar.

A: É mesmo? E você lembra qual é o nome?

M: Piau ué.

A: Ah, entendi! Mas Piau é uma cidade ou é um bairro?

M: Uma cidade.

A: Verdade. E onde Piau começa?

M: Aqui.

A: E onde termina?

M: Lá em Juiz de Fora.

A: Ah, então onde começa Juiz de Fora é onde termina Piau?

M: Isso.

A: E esse bairro que a gente tá, você lembra o nome?

M: Brasil. - E saiu correndo.

Nesse diálogo, percebemos o quanto os conceitos de cidade e bairro, estabelecidos culturalmente e politicamente, ainda são abstratos para as crianças. Ao percebemos o uso dos conceitos de bairro e cidade, a interferência da escola fica perceptível, pois é na escola que eles provavelmente foram apresentados. Acreditamos que não se deve eliminar o trabalho com determinados conceitos na Educação Infantil pelo simples fato de que eles ainda não são entendidos em sua completude, mas sim se deve buscar ampará-los em vivências próprias das crianças, assim como se deve propiciar novas experiências nesse sentido, para que estes conceitos se ampliem no decorrer do processo de formação da criança.

Na conversa estabelecida com Marina, também se percebe a costumeira relação estabelecida entre uma cidade menor e a cidade maior mais próxima. Marina é acostumada às experiências de viagem entre Piau e Juiz de Fora, para realizar compras, ir ao médico, visitar familiares, entre outros. Logo, para ela, o início de um território determina o término de outro.

Assim como Marina, Savio (5 anos) também já está matriculado na escola. Ele frequenta a cidade em seus extremos, desde a roça de seu pai até a casa de sua avó, perpassando por sua própria casa e o espaço do bairro em que caminha frequentemente, acompanhado da mãe ou do avô.

A investigação das percepções de Savio se realizou a partir de percursos metodológicos diferentes em relação às outras duas crianças já discutidas. Primeiramente a entrevista ocorreu mais de uma vez, diferentemente do que aconteceu com Marina, e essa foi construída em um formato mais longo do que as realizadas com Bento, principalmente levando em conta o tempo que os dois conseguiam se manter “focados” em um determinado assunto.

O andar pelo espaço realizado por Savio também possui distinções. Ao se sentir livre no caminho da pesquisa, ele opta por realizar o percurso de patinete e não andando, como as outras crianças.

A: Vamos dar uma volta?

S: Acho que eu vou de patinete.

A: Você pode ir, não vai correr na minha frente não né? (Risos)

S: Não, a gente vai pra onde?

A: Pra onde você quer ir? Você pode escolher.

S: Eu quero ir pra cá.

Ao optar por realizar o percurso de patinete Savio demonstra familiaridade tanto com a situação quanto com o espaço.

Durante a pesquisa, ao ser perguntado diretamente sobre o conceito de cidade, ele também deixa clara a relação que esse possui com sua vivência.

A: Savio, como chama a cidade que você mora?

S: Piau.

A: É mesmo? E onde é Piau?

S: É aqui, ué.

A: Verdade e onde começa Piau?

S: Começa pra lá.

Apontou para a região dos Mirandas (comunidade rural).

A: Ah sim e vai até onde?

S: Até aqui.

Apontou para a rua que estava.

A: E do outro lado é o que?

S: Ah é Piau também. Isso tudo é Piau.

A: Piau é muito grande então.

S: É grande, mas Juiz de Fora é maior, não é?

Nesse diálogo percebemos uma capacidade de abstração já adquirida pela criança, pois apesar de ter a consciência que Piau abrange tudo aquilo que seu olhar abraça e mais um pouco, ele ainda considera Juiz de Fora maior. Tal fato pode se dar não só pela consciência adquirida por ele, mas também, como conhecimentos socialmente construídos por escutar comumente que Juiz de Fora é maior que Piau.

Em outro momento da pesquisa, em que estávamos finalizando nosso primeiro passeio, ao ser questionado sobre o conceito de bairro e sua dimensão, Savio responde da seguinte maneira.

A: Você quer andar mais?

S: Para onde? Nós já andamos tudo.

A: Sério? Seu bairro é desse tamanho, esse trecho que a gente andou?

S: Sim. - Parou e pensou. - E a rua de cima também.

A: É mesmo? Você me leva nela?

S: Levo.

Ao passar em frente ao terreno vazio, que fica de frente para a sua casa, afirma

S: Olha a minha bola que estourou.

Novamente, a relação entre a vivência e os conceitos elaborados pelas crianças aparece. Savio condiciona seu bairro ao espaço em que ele está acostumado a andar e só se lembra da rua acima da sua ao ser questionado se o bairro seria só aquela extensão que ele havia me levado.

A Piau que ficou conhecida a partir dos diálogos apresentados leva em consideração a percepção de cada criança sobre aquele espaço, deixando claro como ela constrói sua territorialidade frente às suas vivências. Na busca de conhecer as experiências das infâncias frente aos territórios, percebemos que diferentes “Piaus” se construíram no decorrer desse trajeto realizado com as crianças.

Os caminhos percorridos perpassam e revelam características das vivências de cada criança, mostrando os espaços com quais ela possui familiaridade, os tempos que as acolhem e as narrativas que permeiam sua vida. As presenças familiares ficam evidentes nesse cenário e se percebe a importância destes na ampliação do ser criança, de permitir que ela se sinta ouvida e a partir daí se expresse com liberdade e autonomia.

A Piau de cada criança mostra também as histórias de sua família, que se expressam a partir das narrativas compartilhadas pelas as crianças. Uma das faces que ficaram perceptíveis durante os percursos foram as profissões dos pais e de como, ao conviver com elas, as crianças passavam a explorar o espaço de uma forma diferente. Savio está acostumado a acompanhar seu pai nos trabalhos rurais, logo toda sua exploração se direciona aos animais, sempre os observando nos mais diversos cenários e os relacionando com a realidade de sua roça. Já Bento sempre escuta seu pai lhe falar sobre construções, o incentivando com brinquedos que se relacionam a essa atividade e lhe ensinando o nome de cada ferramenta. A partir de tal experiência a exploração de espaços como a pequena casa do Papai Noel se direciona a reformar aquele espaço e suas mãos logo se transformam em martelos e pregos.

A riqueza dessa nova Piau conhecida, e também, da pesquisa narrativa com crianças, está na surpresa de não se prever o que ali será conhecido e ser reapresentado a espaços anteriormente vividos, dessa vez sobre uma ótica completamente diferente do adulto.

Além das relações estabelecidas com o espaço físico na construção da Piau de cada uma delas, outras faces estavam presentes na narrativa, como a memória e o tempo. Segundo Bossi (1992), “a memória articula-se formalmente e duradouramente na vida social mediante a linguagem.” (p.28). Logo, a partir das narrativas das crianças elaboradas no decorrer do

percurso, faces das memórias individuais de cada criança e também das memórias coletivas construídas no âmbito da vivência do município aparecem.

Nesse sentido é importante frisar o modo particular das infâncias frente ao narrar, pois esse também se aplica às lembranças. De acordo com Medeiros (2011), ao se abordar a memória no trabalho com as crianças é necessário se pensar em caminhos investigativos específicos, que sejam de fato capazes de lidar com os movimentos feitos pelas crianças no processo de recordar e também no próprio espaço. Logo, é preciso pensar não só no que está dito oralmente pelas crianças, mas também em suas reações, feições e olhares.

Uma das faces da memória da crianças é a repetição, não como uma limitação, mas como uma maneira “de saborear, sempre de novo e de maneira mais intensa, os triunfos e as vitórias” (BENJAMIM, 2002, P.101). Nesse sentido, as lembranças que ela estabelece com determinado local interfere em seu desejo ou não pela repetição. A criança busca repetir algo que lhe causou uma sensação forte de acolhimento, divertimento, felicidade ou até tranquilidade. Um dos exemplos dessa característica na construção da Piau de cada uma das crianças pesquisadas, é a repetição feita por Bento dos trajetos, inicialmente com o galinheiro, em que toda vez que chega à casa da avó, ele pede para ir ao galinheiro. Sua relação com o parquinho, passa pelo mesmo processo de uma relação de repetição. Percebe-se que a não repetição desse caminho leva a criança a uma certa insegurança. Tal ponto fica claro quando, ao ter a situação do percurso alterada, Bento “desiste” do passeio e pede para voltar a Piau.

No movimento de compreender a construção de cidade realizada por cada criança, além do espaço e da memória, outro conceito muito presente é o tempo, esse não necessariamente em seu viés cronológico. O conceito de tempo e memória andam juntos nas narrativas, principalmente porque “quando alguém se lembra, lembra-se de alguma coisa visada num espaço de temporalidade, portanto, tempo e memória se sobrepõem.” (MEDEIROS, 2011, P.137)

Em relação às construções de tempo, um dos primeiros conceitos consolidados no universo das infâncias é o de velho/novo. Não necessariamente da forma em que são compreendidos pelo universo adulto, mas demonstrando particularidades dos olhares das crianças sobre determinados objetos/espacos.

É possível observar esses dois conceitos sendo trabalhados de formas diferentes, ao se observar dois diálogos estabelecidos durante a pesquisa: o primeiro com Bento (3 anos), sobre uma casa antiga que há no caminho para o parquinho e o segundo com Savio (5 anos), sobre as calçadas que passamos durante o nosso percurso.

Diálogo com Bento:

A: Que casa bonita, não é, Bento? Você achou ela grande ou pequena?

B: Ela é grande, muito grande.

E olhava para cima, parecia que sentia que era impossível alcançar o tamanho daquela casa com o seu olhar.

A: Verdade, ela é muito grande. E você acha que ela é nova ou velha?

B: Ela é nova.

A: Nova?? Por que você acha que ela é nova?

Nesse momento, penso que meu choque com a resposta dele talvez tenha o surpreendido e feito com que ele ficasse meio inseguro de sua resposta.

B: Porque ela tá pintada.

Na conversa com Bento percebemos que seu conceito de nova/velha ainda é abstrato para ele, entretanto esse fator não o impede de utilizar os conceitos com segurança. Mesmo não usando o conceito da forma que os adultos esperam, essa não se mostra isenta de significado, pois para ele o que importa na construção da casa como nova é a pintura e não outros aspectos, como a arquitetura.

Diálogo com Savio:

A: Olha que calçada diferente. Ela é verde e tem desenhos florais.

S: É verdade. Essa é cinza. - Andou mais um pouco - Essa é diferente também.

A: É mesmo? Por que ela é diferente?

S: Ela é amarela e branca.

A partir desse momento Savio seguiu observando as calçadas, se eram altas ou baixas, qual a cor delas, se precisavam de uma reforma e se eram novas ou velhas. Ao se deparar com uma calçada em que o cimento ainda estava muito claro, ele posou em um pedaço e pulou para a rua.

S: Essa é nova. - Parou e olhou os chinelos. - Não, não é tão nova assim não, não sujou meu chinelo. Olha o seu.

A: O meu também não sujou.

S: Viu, ela não é tão nova assim.

S: Sim. Foi depois de ontem. Olha, essa calçada também é nova, mas não tem perigo de sujar.

Ele seguiu andando e quando a calçada acabou disse:

S: Olha aqui também precisava de uma nova. Meu ponto é aqui.

A: Seu ponto? Ah, é aqui que você pega o ônibus para ir para escola?

S: Sim, eu espero aqui.

Nesse diálogo Savio também demonstra segurança ao usar os conceitos de velha/nova para se referir às calçadas, já fazendo isso da forma socialmente aceita. É notável que inicialmente as crianças buscam estabelecer uma cadeia de relações para chegar a uma conclusão, não se apegando necessariamente ao tempo cronológico, mas ao tempo causal, como por exemplo ao se utilizar do fato da calçada sujar ou não o pé para rotulá-la como nova ou velha, ele se utiliza da sujeira (causa) e não do tempo cronológico. Nesse sentido, Savio não leva em consideração a data histórica de construção daquelas calçadas para julgá-las como novas ou velhas, mas sim a sua cor e o fato de sujaarem ou não o pé.

Os sentidos construídos pelas crianças são atravessados pelas dimensões de tempo, memória e espaço. Logo, a Piau percebida por cada uma delas também perpassou por essas dimensões. Segundo Aitken (2018), ao permitirmos que as crianças exerçam a liberdade de criar uma nova cidade, que não foi anteriormente pensada nem imaginada, podemos vivenciar uma espacialidade nova e transformadora. Ou seja, as “Piaus” construídas durante os percursos foram sendo vivenciadas pela primeira vez durante a caminhada e só se tornavam reais a partir da narrativa elaborada pelas crianças.

Considerações finais

A ideia do direito à cidade advém de uma compreensão profunda de que é preciso pensar não em uma cidade para a infância, mas pensar em uma cidade com as infâncias: compartilhar com elas a criação e a recriação, entender que, ao construir e reconstruir o espaço, as infâncias também constroem e se reconstróem em si mesmas. (LOPES.PAULA, 2023, p.8)

Na busca por caminhar com as crianças e compreender como elas concebiam Piau, observando como os conceitos de tempo, memória e espaço perpassam essa construção, ficou claro que está se dá por meio das relações estabelecidas em sociedade pelas crianças e de sua própria autoria.

Em relação à própria autoria da criança, percebemos a presença de tal a partir do próprio andara na cidade, que se caracteriza por um olhar particular que significa o insignificante aos olhos do adulto e subverte os sentidos do que está apresentado ao seu olhar. Observamos a presença frequente da imaginação se mesclando com as lembranças na formação das memórias e das temporalidades causais feitas pelas crianças. Observamos, ainda, que as relações estabelecidas previamente pelas crianças com os trajetos percorridos, interferem no modo como que esses exploravam o espaço, demonstrando intimidade e liberdade ao andar por ele.

As construções de “Piaus” realizadas pelas crianças muitas se baseavam na relação de intimidade e conforto que aquele espaço transmitia a eles, ou seja, a Piau de cada um se concebia a partir de sua experiência com aquele espaço, que se configurava como um lugar de segurança. Nesse sentido as delimitações não são mais políticas e socialmente construídas, mas sim um limite entre o íntimo e o não íntimo.

Retomando a epígrafe da Conclusão, consideramos que, ao buscar compreender os sentidos da cidade de Piau elaborados pelas crianças fica evidente que, para que se construa o direito à cidade de uma criança, primeiramente é necessário considerar como ela concebe esse espaço. A partir da Piau significada pelas crianças é possível pensar na importância de construir esse espaço com elas e não para elas. A metodologia de caminhar e escutar com as crianças se mostrou de extrema importância nesse sentido, pois não há como compreender os raciocínios e

as relações realizadas pelas crianças sem escutá-las, sem observar todas as linguagens que elas usam para se expressar.

Durante a pesquisa, na escuta ativa às crianças, se formaram comunidades de afeto, que não se encerraram com o “fim” da pesquisa, mas que continuam ali ativas e dificultam que o pesquisador de um final ao seu texto, pois sempre ao se reencontrar com as crianças, o espaço de escuta acontece.

Já ao final da escrita dessa pesquisa, estávamos eu, Bento e sua madrinha, nos dirigindo à sua casa de carro. Após passar alguns minutos na casa da madrinha, Bento e eu e voltamos para o carro, enquanto ela terminava de fechar a casa. Nesse momento, se deu o seguinte diálogo:

B: A gente vai voltar para a vovó?

A: Vamos, a dindinha só está fechando a casa. Você está onde agora?

B: Na casa da dindinha.

A: E a casa da dindinha fica onde? Fica em Piau?

B: Não, a gente veio de carro.

Nesse momento a madrinha entrou no carro e ele mudou o foco do assunto.

Tal conversa deixa claro que a comunidade de escuta ali aberta não se fecha e que o ponto final dado à escrita desta pesquisa não significa um ponto final dado à vida. Por esse motivo se torna tão difícil escrever as considerações finais de uma pesquisa como essa, pois colocar em palavras tudo que foi vivenciado durante a pesquisa e colocar um ponto final em algo que não acabou, sempre é um desafio. Entretanto como dito, o ponto final foi dado, mas a comunidade ainda está viva e sempre ao me reencontrar com Bento, Marina e Savio ela se reacende e se reinicia.

Referências

- Aitken, Stuart. 2018. Rethinking child rights through post-child ethics. **Educação em Foco**. 23 (3): 705-14. <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2018.v23.20098>.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 4ªed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo; Duas Cidades; Ed. 34. 2002.
- BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. *In*: NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Quando vovó perdeu a memória**. 2ªed. São Paulo. Editora SM, 2017.
- CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. 2ªed. Uberlândia. Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
- FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: Escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1ªed. São Paulo. Editora Panda, 2020.
- FRIEDMANN, Adriana. **Jornadas Autobiográficas: Narrativas e memórias para a formação do Educador**. 1ªed. São Paulo. Editora Panda, 2023.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Centauro, 2013.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Quadro Geográfico de referência para Produção, Análise e Disseminação de Estatísticas 2020**. Hierarquia Urbana. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.
- JULIASZ, Paula C. Strina. **Representações espaciais na Educação Infantil**. 1ªed. São Paulo. Editora Contexto, 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto & Educação**. Editora Unijuí, n.79, p.65-82, jan-jun,2008.

LOPES, Jader Janer Moreira; PAULA, Sara Rodrigues Vieira de. Quando uma palavra toca a outra: topogênese e ensaios sobre a espacialização da vida de bebês e crianças e o direito a (outra) cidade. O desacostumar em formas de becos. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. e42145, 2023. DOI: 10.15448/1984-7289.2023.1.42145. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/42145>. Acesso em: 9 dez. 2025.

MATTOS, Ilmar R. de. **O tempo Saquarema**. São Paulo: Hucitec; Brasília, DF: INL, 1987.

MEDEIROS, Andréa Borges. **Memórias de crianças em crônicas escolares: Modos de lembrar, de narrar e de ser**. Profa. Dra. Sonia Regina Miranda. 2011. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. O Tempo, a Criança e o Ensino de História. In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de. ZAMBONI, Ernesta. **Quanto Tempo o Tempo Tem!** Campinas, Editora Alínea, 2003, p.145-172.